

A história da educação da mulher e a história das mulheres na educação começam lentamente a ser escritas. Particularmente vinculadas ao desenvolvimento dos estudos da mulher dos anos 70, e posteriormente dos atuais "estudos de gênero", as relações entre a educação e as mulheres têm sido alvo de recentes pesquisas no Brasil.

Em um contexto de precariedade e desorganização da documentação (inexistência de arquivos públicos especializados ou em desorga-

nização), tendo poucos trabalhos precursores (publicados ou inéditos), Maria Cândida Delgado Reis empenhou-se na tarefa de resgatar as articulações entre as mulheres e a educação na cidade paulista do início deste século, sob duas perspectivas: os discursos sobre estas articulações e as "realidades" e as "realidades quantificáveis", no intuito de compreender os significados ou os significados e a representatividade de processos disciplinares. A falta de documentação

pertinente comprometeu a análise das "realidades". Ainda hoje Maria Cândida busca informação junto aos órgãos públicos da área educacional, relativa ao número de alunas das escolas normais e ao número de mulheres que exerciam a profissão docente.

A escolha do objeto de estudo não foi casual: Maria Cândida é professora de História da Rede Oficial de Ensino, militante dos movimentos feministas desde a década de 70, e pesquisadora na área dos estudos da mulher e de gênero. O silêncio imperante no que diz respeito à educação feminina e às mulheres como educadoras nos textos de história surpreendeu-a, revoltou-a, e finalmente a instigou a tentar reconstruir o que ela apropriadamente denomina *Tessitura de Destinos*.

O livro tem por objetivo apresentar a formulação de lugares e imagens femininas, nos primórdios deste século, e no âmbito da instrução pública, na cidade de São Paulo. A problemática educacional é estudada sob as figuras da mãe e da mestra, mediatizadas pela da "normalista". A consulta documental foi

realizada nos arquivos de duas escolas: EEPSG "Caetano de Campos" e a ETESG "Carlos de Campos", sendo ambas escolas modelares no que diz respeito à educação pública na época. Essa documentação foi complementada com diversidade de fontes (revistas, livros, depoimentos, registros de programas de rádio, legislação, dentre outras), outorgando um contexto imprescindível ao estudo da problemática.

Tessitura de Destinos está organizado em três capítulos. No primeiro, a autora procura desvelar a imagem feminina flutuante entre os vários discursos e os direcionamentos pensados para as mulheres nestas três décadas: "Pretendi recuperar aqui as possibilidades diversas que estiveram presentes e manifestaram-se nos debates sobre os destinos da mulher, antes que os discursos disciplinares e autoritários consolidados no *Estado Novo* procurassem calar as divergências e ocultar os conflitos" (p. 15, grifos da autora).

No segundo, sob o sugestivo título "Guardiãs do Futuro", procura-se a reconstituição do passado

da mulher como mãe e mestra, através de diversos discursos e práticas da Escola Normal da Praça (hoje, "Caetano de Campos"). "A escola ("Normal da Praça"), voltada desde seu início para os segmentos sociais representados por 'moços pobres e muitas moças ricas', não deixava de participar das tensões sociais de seu tempo" (p.55). Destacam-se as propostas de ordenação e disciplinamento social da época, "...em que a mulher, projetada como responsável pelos destinos da nação, era incumbida da dupla missão: mãe e mestra" (p. 15). A educação era percebida como instrumento de transformação, e as mulheres deviam assumir sua responsabilidade. "O reforço discursivo e prático que a escola promovia em torno da construção da imagem da mestra/mãe aponta para representações que, historicamente construídas por interesses diversos, têm pretendido impor-se como naturais." (p.70). Como contraponto, a autora analisa os discursos e as práticas da Escola Profissional Feminina de São Paulo (Escola do Brás), que foi destinada inicialmente à formação da mulher operária.

No terceiro capítulo analisam-se as preocupações educacionais do Estado Novo em relação às mulheres, como implementação na praxis dos discursos sobre a mulher anteriormente gerados. "A educação, tema presente em todas as correntes de pensamento como meio de libertação ou de controle, mereceu atenção especial do Estado Novo. Nesse período fica explicitado, através de projetos educacionais e discursos médicos, o interesse de manter as mulheres sob controle, para que exercessem seu papel de reprodutoras da nação." (p.91). As mulheres, através da escola e do lar, seriam as grandes responsáveis pela homogeneização da população heterogênea, das novas gerações. Essa homogeneização era percebida como ".. a verdadeira igualdade, fruto de uma mesma capacidade física e mental, de um mesmo sistema de valores, de obediência a um conjunto de regras de convivência sócio-morais, sexuais e de um único sentimento cívico em relação aos ideais nacionais" (p.110).

Nas conclusões, tenta-se recuperar os "fios soltos da trama", através

dos caminhos e das vozes femininas dissonantes, do contraste entre normalistas "rebeldes" e normalistas "adaptadas", "... que hoje nos permitem pensar outras formas de ser mulher que estiveram presentes, como resistência às doutrinas impostas pelo Estado/Sociedade" (p. 16). Também citam-se novas perguntas e questões a serem pesquisadas: "... por exemplo, a observação de que, em várias fotos de alunas das escolas pesquisadas, são mostradas jovens mulheres brancas de diferentes segmentos sociais. As mulheres negras, com raríssimas exceções, não foram alunas da Escola "Normal da Praça", nem da Escola Profissional Feminina do Brás, assim como são pouco expressivas numericamente as imagens no trabalho industrial e comercial da época. Resta indagar onde estavam essas mulheres nesse período" (p. 123).

Sem querer desmerecer a importante contribuição que *Tessituras de Destinos* traz para a compreensão das relações entre educação e mulher na história do Brasil, gostaríamos de realizar uma crítica construtiva, formulada a

partir dos estudos de gênero. Embora a autora se coloque explicitamente na área desses estudos (p. 13 e outras), não foram suficientemente trabalhadas as relações de gênero. Para um leitor "leigo" nessas questões, o livro passa uma imagem que identifica gênero com feminino. E a construção da identidade masculina na e através da educação? Embora a autora esclareça na Introdução que sua investigação está dirigida fundamentalmente para as imagens femininas, o leitor "não treinado" nas questões de gênero poderia pensar que elas se resumem à questão feminina. Desta forma, acreditamos que a explicitação e o desenvolvimento das questões de gênero são necessárias para a melhor compreensão e avaliação da importância que esta obra possui. É verdade que nos livros de maior circulação sobre história da educação pode ser lida essa trajetória masculina, mas não é explícita como tal. Na obra de Maria Cândida Delgado Reis esta também pode ser lida nas entrelinhas, mas sente-se a falta do contraponto na dança dos gêneros masculino e feminino.

Leitura rica, ágil e edificante, o livro *Tessituras de Destinos* constitui um inapreciável subsídio para a construção de uma História Social da Educação do tipo "federativa", que incorpore as falas e ações das mulheres. Falas e ações que, no fi-

nal das contas, já formaram várias gerações de brasileiros.

Silvia Cristina Yannoulas
Faculdade Latino-Americana de
Ciências Sócias (FLACSO/UnB)